



**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DO MÉDIO PARNAÍBA LTDA - SESMEP  
FACULDADE DO MÉDIO PARNAÍBA - FAMEP  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO COMENIUS - ISEC  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**MARIA SÍNTIA NUNES**

**A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA POSSIBILIDADE DE  
PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA**

**TERESINA/PI**

**2014**

**MARIA SÍNTIA NUNES**

**A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA POSSIBILIDADE DE  
PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA**

Monografia apresentada à Faculdade do Médio Parnaíba (FAMEP) como requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas, sob a orientação da Profa. Teresinha de Jesus Cardoso Farias Pereira.

TERESINA - PI

2014

N972o Nunes, Maria SÍntia

A orientação sexual no cotidiano escolar: uma possibilidade de prevenção da gravidez na adolescência / Maria SÍntia Nunes. - Teresina: FAMEP, 2014, 40. fls.

Trabalho para conclusão do curso de Licenciatura

Plena em

Ciências Biológicas da Faculdade do Médio Parnaíba.

1. Orientação sexual 2. Gravidez na adolescência

**MARIA SÍNTIA NUNES**

**A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA POSSIBILIDADE DE  
PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA**

Monografia apresentada à Faculdade do  
Médio Parnaíba (FAMEP) como requisito  
para obtenção do título de Graduação em  
Licenciatura em Ciências Biológicas, sob  
a orientação da Profa. Teresinha de Jesus  
Cardoso Farias Pereira.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Teresinha de Jesus Cardoso Farias Pereira - FAMEP  
Orientadora

---

Prof(a).Maria de Lourdes Rocha Lima Nunes - FAMEP  
1<sup>a</sup> Examinador (a)

---

Prof. José Francisco da Silva Viana - FAMEP  
2<sup>o</sup> Examinador

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha querida mãe Maria das Dores, ao meu pai Manoel (*in memoriam*) e em especial meu querido esposo Francisco Cardoso pelo apoio e incentivo a todo o momento. E a professora Teresinha de Jesus Farias pela inteligência, disponibilidade na conclusão do meu TCC.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar a DEUS por ser fonte inesgotável de luz e sabedoria que ilumina e por guiar todos os meus passos, me proporcionando paz e serenidade em todos os momentos de minha vida.

A minha família pelo incentivo e apoio dado a mim em todos os momentos de minha vida.

Ao meu esposo Francisco Cardoso pelo amor, carinho sempre me incentivando na construção de novos caminhos em busca de conhecimentos.

A meu irmão Manoel Filho pelo amor fraterno construído a cada dia.

Aos meus amigos de profissão por batalharem na educação por um mundo mais justo e igualitário.

A minha orientadora Professora Teresinha de Jesus Cardoso, pela contribuição neste trabalho monográfico.

Aos meus queridos mestres do curso de Ciências Biológicas pela dedicação, paciência e pela a imensa ajuda na construção de novos conhecimentos.

A minha amiga Maria das Neves pela amizade construída e solidificada no companheirismo e dedicação durante todo o nosso curso.

“Educar é semear frutos com sabedoria e  
colher com paciência.”

Augusto Cury

## RESUMO

O presente trabalho monográfico trata de um estudo bibliográfico sobre a orientação sexual no cotidiano escolar uma possibilidade de prevenção contra a gravidez na adolescência. Apesar de termos os Parâmetros Curriculares Nacionais que traz o assunto em forma de tema transversal, percebe-se que a escola não utiliza este documento rico e que pode ser usado por todos os educadores dentro do conteúdo curricular de sua disciplina. Na atual sociedade onde os pais já não possuem tempo para dialogar com seus filhos, a escola tem se tornado responsável por quase tudo na vida dos educandos e tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social. Assim sendo, é preciso considerar o que justifica e como se sustenta a atual inserção da educação/orientação sexual na escola, pois a sexualidade adolescente, tornando-se um problema social do qual a escola é convocada a intervir, imprime diretrizes no desenvolvimento do trabalho pedagógico. E orientando os jovens através do tema transversal: Orientação Sexual, com certeza a escola estará contribuindo para que o índice de gravidez na adolescência se torne menor.

**Palavras-chaves:** Orientação Sexual. Escola. Gravidez na Adolescência.



## **ABSTRACT**

This monograph is a bibliographic study on sexual orientation in school life a possibility of preventing teen pregnancy. Although we have the National Curricular Parameters that brings the subject in the form of cross-cutting theme, you realize that the school does not use this rich document and can be used by all teachers within the curriculum content of their discipline. In today's society where parents no longer have time to talk with their children, the school has become responsible for almost everything in the lives of students and has been identified as an important area of intervention on adolescent sexuality that it has acquired in recent years, a dimension of social problem. Therefore, one must consider what justifies and how it holds the current insertion education / sexual orientation in school because adolescent sexuality, becoming a social problem which the school is called upon to intervene, print guidelines development work pedagogical. And guiding youth through the transversal theme: Sexual Orientation, surely school will be contributing to the rate of teenage pregnancy becomes smaller.

**Key-words:** Sexual Orientation. School. Teenage Pregnancy.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 Orientação Sexual na Escola.....	12
2.2 A Orientação Sexual e os Parâmetros Curriculares.....	13
2.3 Inclusão da Orientação Sexual na Escola.....	17
2.4 O Papel do Professor na Orientação Sexual.....	20
2.5 Adolescência e Sexualidade.....	22
2.6 Gravidez não Planejada.....	25
2.7 Causas e Consequências da Gravidez na Adolescência.....	28
2.8 A Orientação Sexual na Escola como Medida Preventiva da Gravidez na Adolescência.....	31
3 METODOLOGIA.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Na atual sociedade onde os pais já não possuem tempo para dialogar com seus filhos, a escola tem se tornado responsável por quase tudo na vida dos educandos e tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social.

Esse problema social torna-se mais do que um problema moral, pois a sexualidade está sendo vista como um problema de saúde pública e a escola desponta como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes.

Desse modo faz-se necessário a inserção da orientação sexual nas escolas e a intenção de introduzir esse assunto no âmbito escolar torna-se evidente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na forma de tema transversal. Os PCNs foram elaborados em 1996 pelo governo federal, e possuem o objetivo de estabelecer uma referência curricular nacional. No Brasil, essa é a primeira vez que o tema orientação sexual ou educação sexual é oficialmente inserido no currículo escolar nacional.

Segundo este documento, ou seja, os PCNs, os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social-ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. E os temas devem ser trabalhados, no decorrer dos ciclos escolares e dentro dos conteúdos disciplinares sob duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema (ROSEMBERG, 2004. p. 24).

O termo educação sexual por gerar certo impacto nas escolas vem recebendo outra nomenclatura, a de orientação sexual. Historicamente, os orientadores educacionais dividiram com os professores de Ciências a responsabilidade por trabalhar esse tema na escola.

Assim sendo, é preciso considerar o que justifica e como se sustenta a atual inserção da educação/orientação sexual na escola, pois a sexualidade adolescente, tornando-se um problema social, do qual a escola é convocada a intervir, imprime diretrizes no desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Dando procedimento, a inclusão da orientação sexual como forma transversal para não causar tanto impacto nos pais e nos alunos é justificada pela crescente estatística que aponta um crescimento enorme do número de casos de “gravidez indesejada” entre adolescentes.

É importante ressaltar que a inserção do tema: Orientação Sexual na Escola deve encontrar-se ligada às mudanças nas expectativas de comportamento sexual associadas ao aparecimento da figura da “gravidez precoce”. A sexualidade adolescente desponta como um importante foco de investimento político e instrumento de tecnologia de governo, sendo a escola um espaço privilegiado de intervenção sobre a conduta sexual dos/as estudantes.

Este estudo de pesquisa tem como principal objetivo compreender a orientação sexual no cotidiano escolar como forma de prevenção contra a gravidez na adolescência, e para alcançar o objetivo principal foram elaborados os objetivos específicos que são: Pesquisar sobre a orientação sexual como tema transversal; Ler e interpretar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); Identificar a orientação sexual no cotidiano escolar como uma medida de prevenção da gravidez indesejada; e, Compreender o espaço escolar como co-responsável na orientação sexual dos adolescentes.

Para melhor compreensão o presente trabalho encontra-se dividido em introdução e referencial teórico, referencial que por sua vez encontra-se dividido em tópicos: orientação sexual na escola; orientação sexual e parâmetros curriculares; inclusão da orientação sexual na escola; o papel do professor na orientação sexual; adolescência e sexualidade; gravidez não planejada; causas e consequências de uma gravidez na adolescência; e, orientação sexual na escola como medida preventiva da gravidez na adolescência. Logo após o referencial teórico, apresenta-se a metodologia e por último as considerações finais.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 Orientação Sexual na Escola**

A instituição social que é representada pela escola é uma das quais procura-se instalar um mecanismo do dispositivo da sexualidade, e isto através das tecnologias do sexo, os corpos dos estudantes podem ser controlados, administrados, como mostra Louro (2009, p. 33):

A escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo. Esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de auto disciplina e autogoverno exercidas pelos sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento continuado e produtivo desses sujeitos na determinação de suas formas de ser ou "jeitos de viver" sua sexualidade e seu gênero.

No espaço escolar as práticas pedagógicas constroem e norteiam a relação do sujeito consigo mesmo e nesta relação os educadores procuram estabelecer, regular e modificar as experiências que o educando tem de si mesmo que representa o resultado de processo histórico onde se cruzam informações que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento.

Portanto, a educação vai além de construir e transmitir uma experiência objetiva do mundo exterior transmitindo também a experiência que as pessoas têm de si mesmas e dos outros como sujeitos, e os educadores ao corporificar determinadas narrativas sobre o indivíduo e a sociedade, o currículo os constitui como sujeitos.

O tema sexualidade em particular voltado para os adolescentes é preocupação antiga dentro do contexto escolar desde o século XVIII, quando se tornou um problema público. A partir deste século a instituição escolar passou a não impor um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes, fazendo exatamente o contrário, quando da procura pela concentração das formas de discurso neste tema, estabelecendo pontos de implantação diferentes, codificando os conteúdos e tudo

isso veio permitir a vinculação da intensificação a respeito da orientação sexual na escola.

No Brasil, a inserção da orientação sexual na escola passou-se a operar a partir de um deslocamento no campo discursivo sobre a sexualidade de crianças e adolescentes. Nas décadas de 20 e 30, os problemas de "desvios sexuais" não foram considerados como crimes e ganharam uma concepção para as pessoas como "desvios sexuais" passando a ser vistos como doenças.

Deste modo, não a família, mas a escola passou a ser vista e tida como o único espaço capaz de uma intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes a fim de produzir comportamentos normais.

Durante as décadas de 60 e 70, a penetração da educação sexual formal na escola enfrentou fluxos e refluxos. Na segunda metade dos anos 60, algumas escolas públicas desenvolveram experiências de educação sexual. Todavia, elas deixam de existir em 1970 após um pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo dando parecer contrário a um projeto de lei de 1968 que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos escolares. (ROSEMBERG, 2004, p. 23).

Mas na década de 1970, a escola passou a responsabilidade para a família ao afirmar que a mesma é a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, inserir ou não a educação sexual em programas de saúde.

Na década de 80, a discussão a esse respeito continuou, e as modificações ocorreram quase que exclusivamente somente em nível teórico, porém aos poucos essa visão foi se transformando, pois muitos pais começaram a aprovar a realização da orientação sexual nas escolas.

## **2.2 A Orientação Sexual e os Parâmetros Curriculares**

Atualmente a sexualidade encontra-se presente no âmbito escolar ultrapassando as fronteiras das disciplinas e do gênero, sendo assunto frequente nas rodas de conversas entre os adolescentes despertando o interesse dos

mesmos, o que faz com este assunto seja discutido de forma correta em sala de aula não só pelos educadores, mas por todos que fazem parte da educação escolar.

A sexualidade por ser aflorada na adolescência deve se tornar tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas coordenadas pela escola. Para que isso aconteça de maneira disciplinar, a sexualidade foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como um tema transversal.

O fato de a orientação sexual ter sido elaborada como um tema transversal nos PCNs é o passo inicial para que seja inserida no contexto escolar. O próprio documento PCNs deixa claro nas entrelinhas sua preocupação em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes, além do risco da contaminação pelo HIV<sup>1</sup>. Observe:

O tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola  $\frac{3}{4}$  e não mais apenas à família  $\frac{1}{4}$  desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes. A Educação Física é apontada pelos PCNs como um espaço privilegiado para a orientação sexual. (NUNES, 2012, p. 22).

Mesmo tendo uma justificativa mais do que essencial ainda existem pessoas que são contra a orientação sexual ser ministrada na instituição escolar. Uma boa explicação seria de que a família não está desempenhando a função e diante de tantos casos de uma gravidez indesejada, faz de escola a co-responsável na orientação de seus educandos. Porém, a família também deverá assumir sua parte, e é por este fato que deve existir não apenas na teoria de projetos escolares, mas na prática a parceria entre escola e família.

Sabe-se que a sexualidade é algo que deveria ser algo mais íntimo nos indivíduos, mas diante de tantos jovens se tornarem pais muito antes de atingirem o amadurecimento o tema sexualidade torna-se mais abrangente. Assim sendo a sexualidade pouco a pouco vem se tornando um negócio de Estado, um assunto de interesse público, já que a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez,

---

<sup>1</sup> Vírus da Imunodeficiência Humana

está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade.

Portanto, a sexualidade é um assunto tanto de aspectos privados quando públicos, haja vista que ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber.

Desse modo, se a escola é uma das instituições onde se instalam mecanismos do dispositivo da sexualidade, há de se questionar como isto ocorre. De que maneira a sexualidade perpassa o espaço escolar, penetra na Educação Física, disseminando micropoderes sobre os corpos? Diante desse quadro, esta pesquisa analisa a presença da sexualidade enquanto dispositivo nos Parâmetros Curriculares Nacionais, buscando identificar a singularidade histórica dessa proposta e seus possíveis efeitos na escola e, mais especificamente, no tema transversal de orientação sexual. (YUS, 2010, p.47).

O dever e a preocupação da instituição escolar com a sexualidade não é assunto recente, porém existem diferenças significativas no tratamento dado pela escola a este tema. Nesse sentido, há de se procurar-se entender como o tema orientação sexual é desenvolvido na escola dentro do contexto histórico e do comportamento atual dos educandos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na parte de Orientação Sexual, deve-se levar em consideração a sexualidade como algo essencial à vida e ao bem-estar da pessoa, e a temática deve ser trabalhada pelos profissionais relacionando o direito ao prazer com a responsabilidade que é necessária (BRASIL, 2000 *apud* MÔNICO, 2010, p. 42).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incluem a orientação sexual nas escolas na forma de um tema transversal nos currículos disciplinares, dando oportunidade aos educadores de terem referências necessárias para tratar do assunto, a partir de um material que surgiu em debate nacional entre educadores de todas as regiões do país.

E tratando do tema orientação sexual é necessário entender a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, e que se expressa desde cedo no ser humano, englobando não só o papel do homem e da mulher na sociedade, mas também o



respeito por si e pelo outro, o avanço da AIDS<sup>2</sup> e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes.

A educação ocorre a todo o momento seja em casa, na igreja, na própria escola, na rua e todos estão envolvidos com ela, seja ensinando ou aprendendo. Respeitar a si mesmo e ao outro faz parte do papel social do ser humano que deve ser levado a sério pelos educadores. (MONICO; NASCIMENTO, 2009, p.44).

Para que realmente haja um desenvolvimento eficiente da orientação sexual é que a proposta dos PCNs tem como finalidade estabelecer a parceria entre a escola e a família que são instituições sociais e educacionais.

Os PCNs enfatizam que, para a aplicabilidade e eficácia do processo pedagógico, se faz necessário compreender a pluralidade de valores. É necessário que a escola tenha um ambiente para a reflexão como parte do processo que envolverá a todos (BRASIL, 2000 *apud* MÔNICO, 2010, p. 42-43).

A maneira que a orientação sexual tem de ser desenvolvida nas escolas pode contribuir para com a prevenção de problemas como a gravidez indesejada. As informações passadas corretamente e aliada ao autoconhecimento e pondo os jovens para refletirem sobre a própria sexualidade, estará ampliando a consciência dos jovens sobre os cuidados necessários para a prevenção dos problemas causados por uma gravidez na adolescência.

A escola deve se caracterizar pelo reconhecimento e valorização das diferenças, a heterogeneidade das turmas e a diversidade dos processos de construção coletiva e individual do conhecimento, assim como a formação dos adolescentes que é construída por meio das relações que constituem uma dinâmica social. E isto a escola trabalhando com a ideia de que a interação faz com que o adolescente assimile melhor o conhecimento, hábitos, e atitudes de convívio social, inclusive os relativos à vida sexual.

Essas convicções são necessárias para que todos possam ter acesso à informação, ficando claro para os adolescentes que ter relações sexuais é saudável, mas que para que eles possam exercer esse direito devem estar

---

<sup>2</sup> Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

conscientes de eventuais consequências que irão implicar no futuro como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e suas consequências (RODRIGUES, 2010, p.14).

Dessa forma a escola estará cumprindo a proposta da orientação sexual em âmbito escolar que tem por finalidade fazer com que os adolescentes entendam o comportamento da sociedade, permitindo ao adolescente ampliar seu conhecimento e suas ações, construindo uma opinião a respeito.

### **2.3 Inclusão da Orientação Sexual na Escola**

Assuntos como a sexualidade humana e o início de uma vida sexual dos jovens cada vez mais cedo tem se tornado assunto polêmico tanto nas famílias como nas escolas. Desta maneira, pode-se afirmar que todo o conhecimento que os jovens possuem são apreendidos fora dessas duas instituições e muitos apesar de terem várias dúvidas não sentem a coragem de dialogar sobre o assunto com seus pais e professores e tem-se notado que o despertar da sexualidade está presente em todos os bate papo, na mídia o que deixa os jovens cada vez mais ansiosos para ingressarem na sexualidade sem nenhum tipo de prevenção para com a sua vida.

É fato que a educação sexual pode ocorrer espontaneamente pelos modelos e condutas presentes no cotidiano das crianças e adolescentes. São exemplos de conduta os pais, os educadores, os amigos e a mídia, em particular a televisão e caracteriza-se por ter de estar adequada à necessidade das crianças e dos adolescentes. Por isso, ela se dá de forma informal e contínua: todos se educam e se reeducam continuamente. (SOUZA, 2002, p.17).

A família é a primeira instituição social a se tornar educadora da criança, porém na atual sociedade percebe-se o quanto os pais estão ausentes da vida de seus filhos, no entanto, seus valores éticos e morais sempre serão os primeiros apreendidos pelas crianças e os mais relevantes em suas vidas.

Existe um entrave muito grande na orientação sexual das crianças, pois mesmo a família sabendo que ela é a primeira responsável pela educação sexual das crianças, vem delegando para a escola este ensinamento, terceirizando a educação

sexual. Afinal, a criança de hoje passa mais tempo na escola do que em casa com seus familiares, sem contar que a maioria de seus amigos estão na escola.

No entanto, cabe à família educar e à escola orientar sem esquecer de que uma não substitui nem concorre com a outra; ao contrário, elas devem estar sempre vinculadas e se completando. “Quando a escola e a família não se completam na ação educativa, não há programa de orientação sexual capaz de trazer o benefício e o aproveitamento total do que propõe”. (SOUZA, 2002, p.112).

Para que haja uma educação sexual que oriente o jovem é necessário que ocorra a participação da família, pois a orientação sexual/educação sexual que não seja acompanhada pela família, que esteja longe da realidade da criança e dos seus valores éticos e morais, poderá se tornar inadequada e ocasionar problemas diversos, desde bloqueios de ordem emocional até riscos para a própria vida, como as DST's<sup>3</sup> e o aborto.

Por causa destas e de outras preocupações que vêm fomentando nos últimos tempos em torno da temática sexualidade e pelo tema estar tão presente na sociedade atual, principalmente nas escolas, é que se pensa tanto em uma orientação sexual adequada. Educação se refere a um conjunto de valores éticos, de comportamentos, ensinamentos e ideologias, que são transmitidos pela família e ambiente social, inclusive com influências da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas, etc.), e dos amigos da escola. (YUS, 2010, p.12).

Orientar é partir de um comportamento, por isso os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) usam o termo orientação sexual por não ser responsabilidade da escola ensinar o modo que deve ser a sexualidade da criança. Na verdade os PCNs propõem que a orientação sexual seja inclusa no projeto educativo, deixando claro que esta não tem caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Indo de encontro a esta assertiva, uma referência para com Suplicy *et al.* 1998, p. 8):

A Orientação Sexual é um processo formal e sistemático que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus, preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade.

---

<sup>3</sup> Doenças Sexualmente Transmissíveis

Portanto, se justifica a importância de incluir a orientação sexual como tema transversal nos currículos e discorre-se sobre a postura do educador e da escola, descrevendo as referências necessárias à atuação educacional ao tratar do assunto, levando em consideração que o objetivo deste documento é promover reflexões e discussões de técnicos, professores e equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade.

A orientação sexual, além da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, de uma gravidez indesejada, possui também a função de contribuir para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura, apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) não deixarem explícito tal objetivo.

A proposta elaborada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para se atingir tais objetivos é de a escola abordar as repercussões e o modo como são transmitidos os conteúdos pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade (RODRIGUES, 2010, p.23).

Sendo assim torna-se importante que a escola, ao tomar a orientação sexual como sendo uma de suas competências, defina os princípios que nortearão o trabalho. De acordo com os PCNs:

Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto aos alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho (BRASIL, 1998, p. 299).

Desta maneira, fica bem claro e definido que a própria escola é quem irá determinar seus princípios, deixando bem explícito a multiplicidade de valores, a escola precisando abrir um espaço de reflexão como parte do processo formativo dos envolvidos. E isto, mesmo sabendo-se que a família é a primeira instituição social que aborda a sexualidade da criança e deixando destacado que educação não é cargo apenas da escola, por isso a importância da família e da comunidade de

participar da elaboração da proposta educativa da escola que trata da orientação sexual, como retratam os PCNs através da afirmação a seguir:

O trabalho de Orientação Sexual compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho. No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de ideias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola. [...] abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias. (BRASIL, 2000, p. 304-305).

Portanto, é necessário que na elaboração dos princípios norteadores que devem ser desenvolvidos pela escola os pais estejam presentes, como também é importante que os educadores não emitam opiniões pessoais nas intervenções em sala de aula, pois a orientação sexual é para que o aluno tire suas próprias conclusões, devendo o professor respeitar as crenças e valores de cada família. E o educador em hipótese alguma deverá deixar transparecer valores próprios, ao contrário dos pais, que devem sempre dar um direcionamento de acordo com o que acreditam ser melhor para seu filho.

#### **2.4 O Papel do Professor na Orientação Sexual**

Assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) norteiam a escola para ministrar a orientação sexual, também fazem menção à postura dos professores, que devem procurar estabelecer uma confiabilidade entre as partes, para isto é preciso que os educadores se dispam de qualquer tipo de preconceito e procurem sempre estar atualizados. E isto, para promoverem nos educandos a construção de um novo conhecimento como o bem estar, e os cuidados que devem ter com o corpo.

Ainda com relação à postura do educador é preciso lembrar que o mesmo deve superar suas próprias dificuldades diante do tema, seus valores e seus preconceitos, pois o seu objetivo deve ser o da valorização da equidade, ou seja, a

garantia de direitos iguais a todos e da dignidade humana de cada um. Para que este professor possa desenvolver um trabalho correto, de acordo com os PCNs é necessário que:

[...]tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. [...] A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual(BRASIL,2000,p.303).

Para ajudar o professor a orientar seus alunos, os PCNs propõem que ele aborde os conteúdos e as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade, criando a possibilidade de a criança formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado.

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus (BRASIL, 1998, p. 300)

Para isso os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), dentro do contexto da orientação sexual, apresentam os três eixos norteadores que são: corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. É importante salientar que a orientação terá que ser feita por meio de diálogo entre educador, família e aluno.

Com a presença do aluno e sua família a respeito do tema os PCNs os levam a refletir e reconstruir as informações que já possuem com as que estão recebendo. Assim o aluno conseguirá transformar ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu código de valores pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro.

Lendo os PCNs todo e qualquer professor poderá realizar um trabalho em orientação sexual na escola, basta que leiam, discutam e trabalhem em grupos e saibam ouvir e este último, o saber ouvir, é uma das tarefas mais difíceis e

necessárias dentro de uma proposta participativa, pois exige concentração, respeito, ausência de julgamento, aceitação de valores e conceitos de vida diferentes dos seus.

Convém ainda lembrar que em uma proposta de intervenção na escola dentro da orientação sexual, a função do educador é na verdade coordenar as diferentes ações educativas e ser um agente facilitador.

Pelo exposto acima, entende-se que cabe ao profissional da intervenção como então referenciada:

- informar às alunas e aos alunos corretamente sobre o que se sabe sobre o tema em questão, tendo sempre a ciência como aliada;
- criar um clima favorável para que os alunos possam colocar suas dúvidas sem constrangimentos;
- esclarecer as dúvidas;
- incentivar os/as jovens a falar sobre o que sentem e pensam, sem se exporem;
- desmitificar crenças, tabus e preconceitos que existem sobre os diferentes aspectos da sexualidade; provocar uma reflexão crítica sobre os valores de nossa sociedade, especialmente sobre as relações hierárquicas de gênero;
- despertar a necessidade de se estabelecer relações igualitárias e solidárias entre as pessoas.

## **2.5 Adolescência e Sexualidade**

Atualmente é difícil conceituar adolescência, pois aos conceitos atuais é diferente de tempos atrás, hoje a forma de entender a adolescência faz parte de um processo e de como a família trata seus jovens.

A adolescência, até o final do século XVIII, era muito associada à infância, e a ideia de limitar a infância até o momento da puberdade, surgiu em por volta de 1900, sendo que a noção de adolescência como fase transitória entre infância e vida adulta, nasceu no Ocidente, assim como o surgimento da escola (WROBEL; OLIVEIRA, 2005, p. 44).

A adolescência pode ser compreendida como um conjunto de mudanças fisiológicas ligadas à transição da infância para a vida adulta e a capacidade reprodutiva do sujeito, chamado de puberdade. Na puberdade o jovem passa pelo

processo de construção do sujeito sendo o período que vão surgir as atividades hormonais que por sua vez desencadeiam os caracteres sexuais secundários e é também na adolescência que o ser humano terá que conviver com questões ligadas a sexualidade

Para Figueiró (2006), a sexualidade inclui o sexo, afetividade, prazer, sentimentos mútuos de bem querer, comunicação, bem como valores e normas morais que a cultura coloca sobre o comportamento sexual, sendo que cada cultura tem suas particularidades. Em outros termos Ribeiro (2005, p. 66), sobre sexualidade pronuncia-se da seguinte maneira:

Em outras palavras, é um conceito que abrange a estrutura biológica, ao envolver a manifestação do impulso sexual, como também aspectos que foram sendo construído sócio historicamente, como o desejo, a representação desse desejo, e as formas de se buscar um objeto sexual.

Muitos pesquisadores afirmam que sexualidade é uma demanda da adolescência e, é claro, de outras fases da vida.

Discute que o número de ações e programas destinados a adolescente e aos jovens ainda é muito escasso, porém grande parte do que existe nessa instância é desenvolvido nas áreas da saúde, abordando a sexualidade e a prevenção de doenças sexualmente, e da cultura (ABRAMO, 2007 *apud* AMORIM; MAIA, 2012, p. 98).

Todos os adultos e jovens precisam de esclarecimentos acerca do vírus da AIDS que não está mais circunscrito aos chamados grupos de risco, mas envolve a todos, independente de classe social, raça, sexo, idade, crença religiosa, desde que não se protejam em seus relacionamentos sexuais. Em função do conhecimento como aqui dito uma alusão para com Souza (2002, p. 34), que se pronuncia da seguinte maneira:

Ao lado de questões como a AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis, a sociedade, em crescente transformação de valores e padrões culturais, está convivendo com a realidade de uma iniciação sexual cada vez mais precoce entre os jovens. Por muitas razões (falta de comunicações, cobrança dos grupos, mensagens transmitidas e



incentivadas pelos meios de comunicação de massa, falta de diálogo com os pais, solidão, etc.), é frequente o início de uma vida sexual precoce.

E o fato dos jovens iniciarem sua vida sexual mais cedo tem acarretado uma preocupação cada vez maior entre profissionais de saúde, pais e professores em decorrência da falta de conhecimentos sobre concepção e uso de contraceptivos.

Lopes e Maia (2003) referem-se a uma tendência na diminuição da idade da primeira relação sexual. No Brasil, a idade média é de 16, 9 anos para meninas e 15 anos para os meninos, sendo que essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção. Segundo também esses autores, 26% da população feminina de 15 a 24 anos já viveram uma gravidez, sendo que a mesma foi indesejada para 40% dessas jovens.

Percebe-se, diante dessa realidade, que a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e também profissionais de saúde, e devem ter como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, autoestima e pratiquem sexo com segurança.

A sexualidade é um dos importantes aspectos da adolescência, muito enfatizado não apenas pelos dados já apontados, mas também por que é nessa fase da vida do ser humano que a identidade sexual está se formando. Entrar no mundo adulto, desejado e temido ao mesmo tempo, significa para o adolescente ir, gradativamente, se desprendendo de sua condição de criança. Este é considerado o momento crucial na vida do homem, pois constitui a etapa decisiva de um processo que começou com o nascimento. (YUS, 2008, p. 33)

Com a adolescência, chegam as mudanças físicas que estão relacionadas com as mudanças psicológicas se que levam o adolescente a terem uma nova visão de relação com os pais e com o mundo, mas isto só será possível se o adolescente puder elaborar lentamente os vários lutos pelos quais passa, ou seja, o da perda do corpo infantil, a perda dos pais na infância e a perda da identidade infantil.

O adolescente, ao viver todo esse processo de mudança, percebe que seu corpo vai se transformando, seus desejos são outros, sua própria identidade vai sendo construída, o que representa uma verdadeira busca do seu eu, e nesse processo o adolescente necessita de uma orientação de um diálogo aberto onde ele

possa tirar suas dúvidas sem vergonha de ser ouvido, de falar suas inquietações e de obter respostas que possam leva-lo a entender o que está acontecendo com ele e com seu corpo.

## 2.6 Gravidez não Planejada

Uma gestação nos primeiros anos de vida reprodutiva não se constitui um fenômeno recente na sociedade atual, na literatura existe registros de que na antiguidade os contratos de casamento eram acertados entre as famílias quando o adolescente se encontrava entre os 13 e 14 anos de idade.

Sobre o assunto Yus (2008, p. 50) expressa-se da seguinte maneira:

Curiosamente até os dias atuais os matrimônios (conseqüentemente as gestações) precoces são aceitos sem restrições em muitos países. Ter o maior volume de informações disponível não impede a gravidez precoce, talvez porque a relação sexual envolva muito mais afeto e sentimentos que razão e conhecimento.

Na modernidade com uma alimentação e hábitos de vida diferentes e, sobretudo, com muita influência por parte da mídia, os adolescentes estão mesmo entrando mais cedo para a vida sexual, de acordo as estimativas da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH). Estimativas estas que com as mesmas o conhecimento de que as adolescentes começam a exercer sua sexualidade, em média, com 13 anos de idade, e os adolescentes, com 16. Atualmente, mais de 32 milhões de brasileiros estão na faixa entre 15 e 24 anos de idade.

Muitas jovens ao iniciarem sua vida sexual mantêm relações sexuais sem preservativo, simplesmente porque se encontram apaixonadas e possuem o medo de que o namorado a rejeite se ela pedir para que ele use preservativo. Até porque para muitas jovens, a sexualidade é a expressão do desejo, da escolha, do amor, por isso a sexualidade se abre para a dimensão do sexo propriamente dito.

Geralmente a primeira relação é carregada de expectativas e o jovem casal tem receio de quebrar o romantismo do momento se parar e tirar um preservativo do bolso ou da bolsa. A maioria das adolescentes vivencia essa trajetória do desenvolvimento psicosssexual de maneira insatisfatória com as pressões sociais e a necessidade de desempenho, o que se constitui em fonte de ansiedade, angústia, medo e culpa. (LOPES; MAIA, 2001, p.11).

Mas é preciso saber que o comportamento sexual atual do adolescente está sendo classificado. E isto, de acordo com o grau de seriedade, vai desde o ficar até o namorar, e por estarem envolvidos no primeiro amor e por trás desse envolvimento, pode existir uma aprendizagem para o amor, uma vez que o namoro, a fidelidade é considerada muito importante pelos jovens.

Os jovens são envolvidos pela força de seus instintos e sentem a necessidade de provarem a si mesmos sua virilidade e sua independência nutrida pela determinação de conquistar outra pessoa do sexo oposto, muitas vezes chegando mesmo a contrariar com facilidade as normas tradicionais da sociedade e os conselhos de pessoas como os pais e parentes próximos mais velhos e iniciarem mais cedo a prática sexual.

Sobre o exposto acima, por lado, talvez eles podendo acreditar ser apenas um exercício da sexualidade, muitas vezes precocemente, o que pode gerar várias consequências como decepções, frustrações, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Assim, acredita-se na relevância da fala de Almeida (2003, p. 23):

E muitas vezes por falta de orientação da família e da escola, o mundo vem assistindo a uma crescente onda de adolescentes que dão a luz numa época em que poderiam estar desenvolvendo projetos de acordo com a idade em que se encontram, os períodos da adolescência são próprios para viver a liberdade e idealizar sonhos antes de entrar na vida adulta.

Diante do crescente número de adolescentes grávidas, em muitas ocasiões uma gestação precoce nem sempre sendo percebida como um problema, o senso comum a vê como um problema social sério, onde a adolescente conseqüentemente é afastada dos estudos e dos amigos e, é vista de maneira negativa pela família, pela vizinhança e pela escola.

A jovem deixa de ser cuidada e protegida para cuidar e proteger seu filho que passa a ser uma prioridade, o que muitas vezes acaba afastando a jovem do meio social em que vive e esse afastamento social termina sendo uma forma de por ter engravidado precocemente.

A gestação precoce atualmente é encarada como um problema de saúde pública, e que vem assumindo proporções significativas, pois a maternidade precoce

pode acarretar muitos problemas na saúde das adolescentes, que param de estudar, não conseguem obter sua independência financeira e passam a ter problemas sociais.

[...] a gravidez na adolescência traz sérias implicações biológicas, familiares, psicológicas e econômicas além das jurídico-sociais, que atingem o indivíduo adolescente e a sociedade como um todo, limitando ou adiando as possibilidades de desenvolver o engajamento destas jovens na sociedade (JÚNIOR; NETO, 2004, p. 3).

Portanto, não é difícil afirmar que uma gravidez precoce é de fato, um acontecimento que desestrutura não só os envolvidos, mas as famílias também, pois representa uma carga emocional, física e social, bastante pesada pra todos.

Já é comprovado na literatura que envolve pesquisas sobre a gravidez na adolescência que de cinco jovens que engravidaram na adolescência, uma engravida novamente, sem planejamento, o que demonstra que nem mesmo a vivência da gestação e suas consequências são efetivas para o desenvolvimento de um comportamento sexual responsável.

A gravidez na adolescência é também uma questão sociocultural, já que a mesma é enfrentada de diferentes maneiras nas classes sociais, visto que a adolescente que pertence a uma classe mais favorecida é protegida, tem o apoio da família, continua seus estudos e não depende dos serviços públicos de saúde, porém aquelas adolescentes que pertencem às classes menos favorecidas, onde precisam lutar pela sua sobrevivência, tem que parar de estudar, possuem mais dificuldades de conseguir um emprego, e são abandonadas à sua própria sorte.

[...] culturalmente, verifica-se uma contradição na definição de responsabilidades, onde a imprudência é entendida como de responsabilidade da adolescente e não pelo seu parceiro, o que pode ser reflexo da educação tradicional que privilegia atitudes e responsabilidades diferentes aos dois gêneros (FERREIRA et al., 2004, p. 2).

Geralmente as mães adolescentes apresentam o mesmo perfil, e a gravidez nesse período frequentemente é indesejada e muito menos planejada, as jovens na grande maioria engravidam dos namorados, isto porque começam a namorar cedo e normalmente engravidam logo após a iniciação sexual, com idades entre 13 a 19 anos, sendo a idade da primeira gestação em torno de 17 anos.

## 2.7 Causas e Consequências da Gravidez na Adolescência

Muitas são as causas que tentam explicar o grande número de adolescentes grávidas, mas entre os fatores que exemplifica as causas da gravidez na adolescência estão nas classes sociais menos favorecidas, na ausência de escolaridade, na queda na idade da menarca, na iniciação sexual precoce e na falta de informações sobre os métodos anticoncepcionais, bem como o acesso a eles. Segundo Lima *et al.* (2004, p. 33):

Para algumas jovens, a gravidez faz parte de um projeto de vida, onde elas tentam alcançar autonomia econômica e emocional em relação a sua família. A baixa autoestima destas jovens e a vontade de se tornarem adultas logo, também influenciam na ocorrência da gravidez precoce.

Para muitas adolescentes uma gravidez representa a oportunidade de realizar o sonho do casamento, de alcançar certa autonomia financeira em relação à sua família e em muitos casos até mesmo sair da casa dos pais por se sentir presa sem a liberdade que tanto almeja. Porém ainda existem os casos em que as adolescentes não têm o sonho do casamento, mas são pressionadas a se casarem como forma de recuperar sua dignidade.

É comum que entre as adolescentes que passam a conviver com o pai de seu filho utilizar métodos contraceptivos, diferentemente das que foram abandonadas pelos seus namorados, a esse grupo existe uma grande chance de se tornarem múltiparas.

Destaca-se ainda como causa da gravidez precoce, a falta de projetos de vida e a ociosidade pela não frequência escolar, muitas vezes influenciada por famílias desestruturadas, falta de atenção e apoio dos pais, além da vontade que essas adolescentes possuem de romper este ciclo familiar instável e construir um novo ciclo familiar, porém, muitas das vezes esse desejo não se concretiza (ALMEIDA, 2003, p. 66).

Uma gravidez na adolescência vem recheada de consequências tanto para a futura mãe, para o bebê e pode-se dizer que para a sociedade também, já que a maioria das jovens abandonam seus estudos, tirando das jovens, as poucas chances que elas teriam de se inserirem na sociedade como profissional.

Ainda existem os casos que mesmo o pai não abandonando a mãe de seu filho, passa a residir com os familiares por não terem nenhuma renda passando a existir em uma única casa, vários núcleos familiares, dividindo o mesmo espaço físico, a mesma renda financeira, e as mesmas dificuldades, sem perspectivas de melhora, o ocasiona em muitos casais uma separação também precoce.

Mesmo em uma sociedade que se diz modernizada algumas famílias chegam a rejeitar a filha adolescente ao descobrirem a gravidez, tomando atitudes radicais, como expulsar de casa, induzir a jovem ao aborto ou até mesmo força-la a realiza-lo, exigir o casamento e que a jovem assuma sua responsabilidade materna, muito embora em outras famílias, pode acontecer o contrário uma melhor aceitação da gravidez, onde há uma negociação sobre quem vai assumir a criança e onde a adolescente e seu parceiro irão morar. “A adolescente ao saber que está grávida e não tem apoio do parceiro e da família, pode entrar num processo de ansiedade e depressão, que em alguns casos a mesma pode ter ideação suicida”. (JÚNIOR; NETO, 2004, p. 12).

Vale ressaltar que uma adolescente grávida pode desperdiçar muitas oportunidades que poderiam surgir em sua vida, voltando a exercer um papel antigo de mãe e dona de casa, que não estuda, não trabalha fora e não têm chances de mudar de vida, e na maioria das vezes, ela cometendo os mesmos erros que sua mãe cometeu ao engravidar precocemente, tornando-se um ciclo, que passa de geração a geração. E isto diga-se que:

[...] como se as mães adolescentes, além de desmerecerem as supostas novas chances oferecidas aos jovens em geral, se encontrassem em uma dupla contramão: na das mudanças demográficas e na da emancipação feminina, aumentando, assim, a visibilidade e também a indignação dirigida à gravidez na adolescência (HEILBORN; BORGES; NASCIMENTO, 2002, p. 4).

Como uma consequência a gravidez na adolescência pode agravar a situação de marginalidade social e econômica, pois com o abandono escolar e a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, a população de baixa renda aumenta e não tem condições de sobreviver e um dos fatores que contribui na dificuldade do retorno das adolescentes aos estudos após o nascimento da criança é a falta de organização dos espaços escolares, uma vez que as escolas não contam com creches para dar suporte e cuidados aos filhos das adolescentes. E assim, eis

um entendimento maior através das palavras de D'amato (2000, p. 21). "Muitas adolescentes abandonam os estudos, pois sentem vergonha de assumir a gravidez para os colegas e professores, tendo que enfrentar sozinha a realidade pela qual estão passando".

Pelo fato de seu organismo não está totalmente preparado para o desenvolvimento de uma vida, muitos filhos de mães adolescentes possuem má-formação fetal, são prematuros, tem baixo peso ao nascer, e são criados pela família da adolescente, pois na maioria das vezes, a adolescente não tem condições psicológicas para cuidar de uma criança, e para ela, é como se fosse brincar de boneca, não possuindo responsabilidades maternas.

Outras adolescentes recorrem ao aborto com medo da reação de seus familiares e do namorado, ou são influenciadas pela família e parceiro a praticarem o aborto, correndo sérios riscos de vida.

[...] quando esta gravidez ocorreu contrária à vontade da adolescente, ou sem o apoio social e familiar, a gravidez frequentemente leva estas adolescentes à prática do aborto ilegal e em condições impróprias, constituindo-se este em uma das principais causas de óbitos por problemas relacionados à gravidez. Só no ano de 1998 mais de 50 mil adolescentes foram atendidas em hospitais públicos para curetagem pós-aborto, sendo cerca de 3 mil realizadas entre jovens com idade entre 10 e 14 anos (JÚNIOR; NETO, 2004, p. 43).

Mesmo sendo considerado um crime o aborto ainda é praticado por muitas adolescentes de várias formas nas clínicas clandestinas destinadas apenas a essa prática, pelo uso de medicamentos como o Citotec<sup>4</sup>, medicamento que faz com que haja contração da musculatura uterina, provocando sangramento e expulsão parcial ou completa do embrião e quando o aborto através do medicamento não é completo, se faz necessário a adolescente se submeter à curetagem e neste caso muitas jovens ficam com o seu psicológico abalado, pois após sentirem certo alívio, vem o sentimento de culpa, medo de ser descoberta e solidão.

Outra consequência que não pode ser ignorada é o fato de muitas adolescentes morrerem por complicações que poderiam ser evitadas durante a gravidez, se estas tivessem a oportunidade de fazer um pré-natal de qualidade. Para

---

<sup>4</sup> Medicamento que contém misoprostol, produto sintético análogo a prostaglandina.

milhares de adolescentes a gravidez não é planejada, sendo uma experiência que ocorre muito cedo, trazendo medo e sofrimento.

Muitas jovens durante o período de gravidez passam a experimentar o sentimento de perdas, tanto em seu desenvolvimento, quanto em sua identidade, e isto com o abandono de seus estudos, a perda da confiança de sua família, a perda do namorado quando este não divide a responsabilidade da gestação, enfim, a adolescente perde a proteção familiar e as expectativas do futuro.

## **2.8 A Orientação Sexual na Escola como Medida Preventiva da Gravidez na Adolescência**

A atual sociedade tem enfrentado vários conflitos e um deles está relacionado aos jovens e sua sexualidade que cada vez se aflora muito cedo isto em função de se viver em uma sociedade capitalista onde os pais se ausentam de casa e do convívio com os filhos que ficam mais em casa sozinhos ou na escola, tornando-os cada vez mais vulneráveis.

Na realidade a escola vem sendo o local onde as crianças e adolescentes passam grande parte de sua vida, e é um espaço social importante, onde podem ser esclarecidas e discutidas as questões acerca da sexualidade.

A escola é uma instituição de grande significado, que através de seu plano de ação que deve ser em consonância com os conteúdos disciplinares tem procurado proporcionar ao adolescente a experimentação da formação da sua identidade para além da família (ALMEIDA, 2003, p. 45)

E mesmo tendo como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), trabalhar com o tema educação sexual tem sido um grande desafio para as escolas, mesmo que este assunto seja em forma de tema transversal. Algo que pode ser trabalhado em todas as disciplinas sem que seja preciso deixar de focar a sua área específica, porém, explicitando as relações entre as demais áreas do conhecimento.

Os jovens devem ter a concepção de que a escola é um espaço de formação e informação, local certo para o esclarecimento de dúvidas, que gera o despertar para reflexão, promovendo a sensibilização a fim de contribuir para com a



formação de seres humanos com capacidade de realizar escolhas conscientes e tomar decisões responsáveis. A respeito do exposto como aqui postado, Rodrigues (2010, p. 67) diz que:

Existem alguns entraves quanto à abordagem de assuntos relacionados à sexualidade na escola, o que muitas vezes impede que os professores abram espaços para discussões sobre sexualidade, pois há um temor de despertar “ainda mais” o desejo sexual no adolescente, como se tal evento não fosse um processo natural da adolescência, desencadeado pela ativação hormonal. Muitas vezes, a falta de preparo dos profissionais de ensino se traduz em uma dificuldade em lidar com os questionamentos dos adolescentes sobre esse assunto.

É no espaço escolar que deve haver o início de implantação de ações que visem promover o fortalecimento da autoestima e do autocuidado, a preparação para a vivência democrática, o aumento dos níveis de tolerância às diversidades, o estabelecimento de relações interpessoais mais respeitadas e solidárias, e, enfim, em última instância, uma contribuição para com a qualidade de vida.

Com a publicação dos PCNs em 1996, documento elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura, tendo o aval de diversos especialistas, a escola passou a contar com sua orientação não só para implantação dos conteúdos de Sexualidade e Saúde Reprodutiva, como também ter um respaldo mais específico na discussão de princípios democráticos como a dignidade da pessoa humana, a igualdade de direitos, a participação e a co-responsabilidade social. “O aumento da gravidez na adolescência é um problema de saúde pública no Brasil, uma vez que os jovens deveriam estar se preparando para ingressar no ensino superior e no mercado de trabalho” (NUNES, 2012, p.78).

A escola tendo em seu plano de ação e nos conteúdos disciplinares o tema transversal Orientação Sexual, tal tema poderá ser ministrado como forma de conhecimento das transformações que os adolescentes sentirão no seu corpo, com certeza contribuindo para que os alunos jovens tenham uma consciência de que deverá ter cuidado ao iniciar sua vida sexual.

O que se percebe é que cada vez mais visível a forma como os pais entregam a responsabilidade da educação dos filhos à escola, e esta se viu compelida a satisfazer necessidade de uma compreensão maior na área quando do assunto sobre sexualidade. Neste sentido a escola conta com a ajuda dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCNs) e pode-se afirmar que a mesma possui uma grande importância na questão da gravidez durante a adolescência, seja a respeito do desempenho da jovem nas atividades escolares ou quanto às informações que recebem para evitar uma gravidez indesejada.

A orientação sexual deve ser baseada no diálogo, a educação sexual oferecida pela escola se propondo a enfatizar sobre a necessidade e a importância de uma orientação referente à prática sexual no período da adolescência, pois esta promoverá os valores e princípios que irão moldar as gerações futuras para uma maneira de estar na vida mais confiante, positiva, segura sem o risco de uma gravidez precoce.

Portanto, não basta ter apenas o tema transversal nos PCNs é necessário que a escola faça uso da orientação sexual para que, assim, possa efetivamente contribuir para minimizar o número de adolescentes grávidas que parecem aumentar a cada ano nas escolas e que terminam abandonando a escola antes do final do ano letivo e tendo que enfrentar a nova etapa de sua vida, isto é, cuidando de um novo bebê que para ela muitas vezes irá representar um empecilho para com o seu futuro.

### 3 METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica. Revisão esta que teve por objetivo compreender a orientação sexual no cotidiano escolar como forma de prevenção contra a gravidez na adolescência. As publicações utilizadas na presente monografia são provenientes de várias fontes como a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Lilacs, Scielo, MEDLINE, Google Acadêmico e sites do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Souza e Zioni (2003, p. 77), com base em estudos oriundos das idéias de Minayo (1992), dizem que: “[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado.”. Ou seja, a pesquisa qualitativa lida com

o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis.

E isto, como também com base nos dizeres de Minayo (1992), Souza e Zioni (2003, p. 77) se propondo a falar.

Já a respeito Minayo (2000), eis uma definição do que seja a estratégia e a definição para o planejamento, ainda que a execução da pesquisa qualitativa deve ser flexível e interativa. Esta abordagem possibilita a descoberta inesperada de tópicos importantes que podem não ser visíveis para o pesquisador.

Na pesquisa qualitativa, são definidas apenas as linhas gerais da coleta de dados que podem e devem diferentemente dos estudos quantitativos, ser modificados à medida que novas informações são obtidas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) deixam claro que a orientação sexual na escola deve ser ministrada de forma integrada com as outras disciplinas levando todos os educadores a pensar na transversalidade e isto se torna o maior problema, pois, cada professor deverá colocar o tema sexualidade dentro do contexto de sua disciplina.

Sobre a escola, uma instituição que é vista como fonte de informação e orientação para tudo que a criança traz de casa, sobre os processos pelo qual estão passando, e possam vir a passar. Sendo a sexualidade parte de um curso a ser passado por todos, cabe ao professor orientar de forma clara e objetiva, respeitando a individualidade de cada um. Amenizando as ansiedades tão comuns nesse processo de descobertas, esclarecer sem censurar, e não julgá-los tornando esse caminho menos complicado e mais objetivo e claro.

A orientação sexual nas escolas vem como um complemento para o que o adolescente já sabe, é mais uma orientação sobre o assunto, buscando promover uma melhor qualidade de vida, pois orientada poderia estar mais segura com relação a doenças, e a uma possível gravidez na adolescência.

Porém, para orientar os alunos sobre tal assunto é de extrema importância que os educadores busquem um aperfeiçoamento acerca do tema, com maiores informações e experiências que possam ser transmitidas de forma bastante didática para não causar certo desconforto que induza à vergonha ou ao constrangimento.

O professor, então, precisa estar munido de ferramentas pedagógicas, de informações científicas, estarem “abertos” ao diálogo e livre de dogmas e preceitos religiosos para que possa transmitir ao aluno uma visão mais ampla da sexualidade. Além disso, há a necessidade de discussões sobre a preservação do corpo, para que a sexualidade seja exercida de forma saudável e prazerosa e, seja sinônimo de qualidade de vida.

Todavia, hoje, a escola está adquirindo cada vez mais responsabilidade em relação à educação sexual por essa deficiência na base familiar. A educação sexual é muito mais do que a questão reprodutiva, ela pode enfatizar tanto a questão do prazer quanto a do direito ao livre exercício da sexualidade, e só lembrando que

fornecer educação sexual não é o mesmo que incentivar a inicialização da vida sexual, mas incentivar uma futura inicialização da vida sexual de modo seguro. Então, a fórmula mágica seria uma boa base familiar, adquirida de experiências paternas e um educador eficiente nas escolas.

A escola tem a função de contribuir para a formação integral dos alunos, e neste intuito, a educação deve estar voltada também para a sexualidade, fazendo-se imprescindível por se tratar de um aspecto importante nas dimensões que constituem o indivíduo e devendo ser objeto de constante reflexão, para que os alunos exerçam sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esta prioridade educacional torna-se a luz de análise mais aprofundada quando da uma exigência na estipulação de objetivos na formação humana, uma vez que nesta fase da vida do adolescente a construção de uma consciência reflexiva e informada evitaria futuros desajustes e consequências indesejáveis provenientes da ausência de uma orientação sexual adequada.

Sexualidade se aprende sempre, em todo lugar. Desde o nascimento até a morte. Em cada gesto de afeto e ternura dos pais, entre si e para com os filhos, em cada emoção vivida com intensidade, em cada vínculo em que a intimidade abre caminho e se faz presente, pois cada uma dessas experiências nos molda, amadurece e enriquece e assim nos prepara para a aventura misteriosa e mágica que é o encontro amoroso.

A escola como instituição formadora de cidadãos críticos e conscientes não pode abster-se desse discurso e sim estar ciente das suas responsabilidades, procurando superar os entraves e buscar alternativas práticas, vinculando-se com a questão sexual de forma crítica e democrática, favorecendo sua socialização com os demais adolescentes e trocas intensas de informações que influenciam na sua conduta, pois o adolescente passa a maior parte do seu tempo na escola e a sexualidade manifesta-se nas atitudes, no contato com o outro, nos gestos obscenos, nos desenhos das carteiras e nas diversas formas em que há expressões da linguagem.

Atualmente a sexualidade tem sido exposta de forma mais "aberta" nos diversos meios de comunicação e discursos pessoais, mas essa aparente liberdade sexual ainda esbarra em repressões e preconceitos.

A escola é o principal espaço organizado destinado à formação integral do ser humano e ela tem que procurar meios de abordar a sexualidade de maneira

eficaz e positiva, enfocando o respeito do adolescente com seu próprio corpo e o dos outros, fornecendo informações para que o adolescente possa planejar uma vida sexual saudável.

As abordagens deste tema na forma de projetos interdisciplinares e multidisciplinares têm trazido respostas significativas, pois incentivam a pesquisa e utilizam uma pedagogia dialógica, que prioriza e respeita o adolescente e seu modo de pensar, permitindo que se conheçam melhor e possam expressar suas angústias e expor suas dúvidas e todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto; os projetos de trabalho aproximam a escola e o aluno e favorecem o olhar crítico e o espírito investigativo neste.

Portanto a inclusão da orientação sexual na escola é um ponto positivo, mas assim como existem pontos positivos, há também os negativos e um deles seria o grande problema da mídia que se utiliza do sexo para chamar a atenção e acabam por estimular e criar curiosidades precoces até mesmo em crianças, o que dificulta bastante o processo de conscientização e responsabilidade individual dessas sobre o assunto mais tarde. Deve-se ressaltar que educação sexual não deve ser trabalhada de forma restrita, geralmente apenas pelos professores de ciências ou biologia, pois já se sabe que as dúvidas dos alunos são frequentes também em outras matérias e também por se tratar de sentimentos e desejos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação, Edição Especial – Juventude e Contemporaneidade**, n<sup>os</sup>. 5-6, p. 25-36, São Paulo (SP), mai./dez., 1997.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação, Edição Especial – Juventude e Contemporaneidade**, n<sup>os</sup>. 5-6, p. 25-36, São Paulo (SP), mai./dez., 1997. In: AMORIM, R. M.; MAIA, A. C. B. Sexualidade na adolescência: dúvidas de alunos de uma escola pública. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n<sup>o</sup>4, 2012.

ALMEIDA, J. R. **Adolescência e maternidade**. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa (PT): Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

AMORIM, R. M.; MAIA, A. C. B. Sexualidade na adolescência: dúvidas de alunos de uma escola pública. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n<sup>o</sup>4, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília (DF): Ministério da Educação e Cultura, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília (DF): Ministério da Educação e Cultura, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília (DF): Ministério da Educação e Cultura, 2000. In: MÔNICO, A. G. F. Gravidez na adolescência e evasão escolar: o que a escola tem a ver com isso? **Revista FACEVV**, n<sup>o</sup> 4, p. 39-49, Vila Velha (ES), jan./jun., 2010.

D'AMATO, M. F. A. A. **A gravidez na adolescência sob o olhar do enfermeiro**. Monografia. Especialização em Saúde da Família. Vitória (ES): Universidade Candido Mendes, 2013.

FERREIRA, E. C. B. et al. A educação em saúde como estratégia na prevenção da gravidez na adolescência. Um estudo de caso em Formoso do Araguaia (TO). **Rev. da UFG**, v. 6, n<sup>o</sup> especial, dez., 2004.

FIQUEIRÓ, P. **Gravidez precoce**. São Paulo (SP): Ática, 2008.

HEILBORN, G.; BORGES, J.; NASCIMENTO, R. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: um desafio para os profissionais de saúde no município de Goiânia. **Revista da UFG**. 2002.

JÚNIOR, R.; NETO, C. **Cotidiano escolar e currículos reais: sobre a complexidade das redes de saberes produzidas e articuladas nas salas de aula**. CD-ROM da 23ª Reunião Anual da Anped. Caxambu (MG): 2004.

LIMA, C. T. B. *et al.* Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 4, nº 1, Recife (PE), jan./mar. 2004.

LOPES, G.; MAIA, M. Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. **Rev. Sex.** 2003.

LOURO, G. **Pedagogias da sexualidade: O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2009.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 7ª ed. São Paulo (SP): Hucitec, 2000.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo (SP): Hucitec/ABRASCO, 1992. In: SOUZA, D. V. de S.; ZIONI, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade**, v.12, nº 2, p.76-85, jul-dez., 2003.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo (SP): Hucitec/ABRASCO, 1992.

MÔNICO, A. G. F. Gravidez na adolescência e evasão escolar: o que a escola tem a ver com isso? **Revista FACEVV**, nº 4, p. 39-49, Vila Velha (ES), jan./jun., 2010.

MONICO, A; NASCIMENTO, L. **O direito de permanência e o enfrentamento da evasão escolar de adolescentes grávidas no Ensino Fundamental: um estudo de caso em uma escola pública de Vila Velha**. Monografia. Vila Velha (ES): Campanha Nacional das Escolas da Comunidade. Faculdade Cenequista de Vila Velha, 2009.

NUNES, C. **Sexualidade na Escola**. Campinas (SP): Unicamp. 2012

RIBEIRO, M. **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. São Paulo (SP): EPU, 2005.



RODRIGUES, T. **Trajetórias de vida**: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que vivem tal experiência. São Paulo (SP): Atlas, 2003.

ROSEMBERG, F. A educação sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**, maio, 2004.

SOUZA, D. V. de S.; ZIONI, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade**, v.12, nº 2, p.76-85, jul-dez., 2003.

SOUZA, H. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo (SP): Paulinas, 2002.

SUPLICY, M. *et al.* **Sexo se aprende na escola**. 2ª ed. São Paulo (SP): Editora Olho d'Água, 1998.

WROBEL, V.; OLIVEIRA, C. H. **Os desafios na adolescência**. 2ª ed. São Paulo (SP): Moderna, 2005.

YUS, R. **Temas transversais: em busca de uma nova escola**. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 2008.